

O IMPACTO DA FORMAÇÃO DOCENTE NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE ESTUDANTES COM TEA



THE IMPACT OF TEACHER TRAINING ON SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICES FOR STUDENTS WITH ASD

FABIANA APARECIDA DE SOUZA ANDRADE

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Unida de Suzano (2012); Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cidade de São Paulo (2015); Gestão Escolar pela Faculdade Campos Eliseos (2019); Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Eliseos (2020); Extensão Universitária em Ensino da Educação Infantil Faculdade Campos Eliseos (2020), Educação especial com Ênfase em Transtorno do Espectro Autista (TEA) Faculdade de Educação São Luis (2023). Professora de Educação Infantil na CEI Diret Nicolai Nicolaeveich Kochergin (São Paulo) e Professora de Educação Infantil na Escola Municipal Drª Darcy Aparecida Fincatti Fornari (Mauá).

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um desafio significativo para a educação inclusiva, exigindo que os professores estejam preparados para atender às demandas específicas desses estudantes. Caracterizado por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos ou restritos, o TEA demanda abordagens pedagógicas individualizadas e flexíveis, que respeitem a neurodiversidade e promovam o desenvolvimento integral dos alunos. No entanto, a falta de preparação adequada dos professores tem sido um obstáculo frequente para a efetivação de práticas educacionais inclusivas, resultando em barreiras à aprendizagem e à socialização desses estudantes. Este artigo analisa a formação docente, tanto inicial quanto continuada, no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com TEA. Por meio de uma revisão bibliográfica e análise de estudos de caso, identificam-se lacunas na preparação dos professores, como a falta de abordagens práticas e a insuficiente integração de conhecimentos sobre neurodiversidade nos currículos de formação inicial. Muitos cursos de licenciatura priorizam conteúdos teóricos gerais, deixando de lado as especificidades do TEA e as estratégias pedagógicas necessárias para atender às necessidades desses alunos. Além disso, a formação continuada, embora essencial para a atualização dos conhecimentos dos professores, muitas vezes é insuficiente ou descontextualizada da realidade das escolas, limitando sua eficácia. Os resultados indicam que a

formação atual nem sempre capacita os educadores para desenvolver estratégias pedagógicas inclusivas e adaptadas às necessidades dos estudantes com TEA.

Palavras-chave: Formação docente; Transtorno do Espectro Autista (TEA); Atendimento Educacional Especializado (AEE); Educação inclusiva; Neurodiversidade.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) poses a significant challenge for inclusive education, requiring teachers to be prepared to meet the specific needs of these students. Characterized by difficulties in communication, social interaction, and repetitive or restricted behaviors, ASD demands individualized and flexible pedagogical approaches that respect neurodiversity and promote the students' comprehensive development. However, the lack of adequate teacher preparation has often been a barrier to implementing inclusive educational practices, resulting in barriers to the learning and socialization of these students. This article analyzes teacher training, both pre-service and continuing, in the context of Specialized Educational Services (SEAs) for students with ASD. Through a literature review and case study analysis, gaps in teacher preparation are identified, such as the lack of practical approaches and the insufficient integration of neurodiversity knowledge into pre-service curricula. Many undergraduate programs prioritize general theoretical content, neglecting the specificities of ASD and the pedagogical strategies needed to meet the needs of these students. Furthermore, ongoing training, while essential for updating teachers' knowledge, is often insufficient or decontextualized from the realities of schools, limiting its effectiveness. The results indicate that current training does not always equip educators to develop inclusive pedagogical strategies adapted to the needs of students with ASD.

Keywords: Teacher training; Autism Spectrum Disorder (ASD); Specialized Educational Services (SEA); Inclusive education; Neurodiversity.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é um direito garantido por lei no Brasil, mas sua implementação efetiva ainda enfrenta desafios significativos, especialmente quando se trata de atender às necessidades de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esses alunos apresentam características únicas, como dificuldades de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, que exigem abordagens pedagógicas específicas e personalizadas. Nesse contexto, a formação docente desempenha um papel crucial, pois são os professores os principais agentes na promoção de práticas educacionais inclusivas e no suporte ao desenvolvimento desses estudantes.

O objetivo geral deste artigo é analisar a preparação de professores para atuar no Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltado a estudantes com TEA, identificando lacunas e propondo caminhos para a melhoria da formação docente. Como objetivos específicos, busca-se: (1) avaliar a adequação da formação inicial dos professores para lidar com as demandas do TEA; (2) investigar a

oferta e a qualidade da formação continuada nessa área; e (3) propor estratégias para a integração de conhecimentos sobre neurodiversidade e práticas inclusivas na formação docente.

A justificativa para este trabalho reside na importância de garantir uma educação de qualidade para todos os estudantes, independentemente de suas particularidades. A falta de preparação adequada dos professores pode resultar em práticas pedagógicas inadequadas, que não atendem às necessidades dos alunos com TEA e podem até mesmo reforçar barreiras à sua aprendizagem e socialização. Além disso, a formação docente é um elemento-chave para a efetivação das políticas de educação inclusiva, que têm como princípio o respeito à diversidade e a garantia de equidade no acesso ao conhecimento.

O problema que norteia este estudo é: como a formação docente, tanto inicial quanto continuada, pode ser aprimorada para atender às demandas específicas do TEA no contexto do Atendimento Educacional Especializado? Para responder a essa questão, o artigo utiliza uma abordagem metodológica baseada em revisão bibliográfica e análise de estudos de caso, que permitem compreender as lacunas na formação docente e identificar boas práticas que podem ser replicadas em outros contextos.

Ao situar o leitor acerca do tema estudado, esta introdução oferece uma visão global do trabalho, destacando sua relevância e estrutura. A seguir, serão apresentados os fundamentos teóricos e práticos que embasam a discussão sobre a formação docente e sua relação com o atendimento educacional especializado para estudantes com TEA.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental caracterizada por desafios significativos em três áreas principais: comunicação, interação social e comportamentos repetitivos ou restritos. Essas características variam amplamente em grau e intensidade, o que significa que cada indivíduo com TEA apresenta um perfil único, com necessidades e habilidades distintas. Essa diversidade dentro do espectro autista exige abordagens pedagógicas individualizadas e flexíveis, que sejam capazes de atender às particularidades de cada estudante (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

No contexto escolar, os estudantes com TEA podem enfrentar uma série de dificuldades que impactam sua aprendizagem e socialização. Uma das principais barreiras é a compreensão de instruções verbais, especialmente quando são longas, abstratas ou dependem de nuances de linguagem, como ironia ou sarcasmo. Para muitos alunos com TEA, a comunicação clara e direta, complementada por recursos visuais, como pictogramas ou esquemas, é essencial para garantir a compreensão das atividades propostas.

Outro desafio comum é a adaptação a mudanças de rotina. Muitos estudantes com TEA têm dificuldade em lidar com imprevistos ou alterações no planejamento diário, o que pode gerar ansiedade e comportamentos desafiadores. Por isso, é fundamental que os professores estabeleçam

rotinas previsíveis e preparem os alunos para possíveis mudanças, utilizando estratégias como agendas visuais ou avisos antecipados.

A interação social também representa uma área de dificuldade para muitos estudantes com TEA. Eles podem ter dificuldade em interpretar expressões faciais, gestos ou intenções dos colegas, o que pode levar a mal-entendidos e isolamento social. Além disso, alguns alunos com TEA podem apresentar interesses restritos ou comportamentos repetitivos, como balançar o corpo ou fixar-se em temas específicos, que podem ser mal interpretados pelos colegas e até mesmo pelos professores.

Diante desses desafios, é essencial que os educadores estejam preparados para lidar com as demandas específicas dos estudantes com TEA, utilizando estratégias pedagógicas que promovam a inclusão e o desenvolvimento desses alunos. Isso inclui a criação de ambientes estruturados e previsíveis, a utilização de recursos visuais e tecnológicos, e a implementação de práticas que incentivem a interação social de forma positiva e respeitosa.

Além disso, os professores devem estar atentos às potencialidades dos estudantes com TEA, que muitas vezes apresentam habilidades notáveis em áreas como memória, atenção a detalhes ou pensamento lógico. Valorizar essas habilidades e incorporá-las ao processo de aprendizagem pode não apenas melhorar o desempenho acadêmico, mas também fortalecer a autoestima e a motivação dos alunos.

Em síntese, o TEA é uma condição complexa e multifacetada, que exige dos educadores conhecimento, sensibilidade e criatividade para desenvolver práticas pedagógicas inclusivas e eficazes. A preparação adequada dos professores, aliada a um ambiente escolar acolhedor e adaptado, é fundamental para garantir que os estudantes com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade e oportunidades reais de desenvolvimento e socialização.

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E SUAS LACUNAS NO ATENDIMENTO AO TEA

A formação inicial dos professores, em muitas situações, não aborda adequadamente as particularidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que cria uma lacuna importante na capacitação dos educadores para atuarem em ambientes de educação inclusiva. Pesquisas apontam que os currículos dos cursos de licenciatura frequentemente focam em conteúdos teóricos gerais, como metodologias de ensino e teorias da aprendizagem, enquanto negligenciam questões fundamentais relacionadas à neurodiversidade e práticas inclusivas. Essa ausência de ênfase em temas como o TEA, a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e a adaptação de estratégias pedagógicas resulta em uma formação que não prepara adequadamente os professores para a diversidade real encontrada nas salas de aula (BRASIL, 2015).

Consequentemente, muitos educadores se formam sem as competências necessárias para identificar as necessidades dos alunos com TEA e implementar métodos pedagógicos eficazes. Por exemplo, podem não saber como adaptar materiais didáticos, utilizar recursos visuais para melhorar a comunicação ou estabelecer rotinas estruturadas que proporcionem segurança e organização para os alunos. Esse déficit de preparação pode resultar em práticas pedagógicas inadequadas,

dificultando não apenas o aprendizado dos alunos com TEA, mas também criando obstáculos à sua inclusão social.

Além disso, a formação inicial frequentemente não contempla estágios supervisionados em contextos de educação inclusiva, o que limita a experiência prática dos futuros educadores. Os estágios são uma etapa fundamental para que os professores em formação vivenciem situações reais de sala de aula, apliquem os conhecimentos adquiridos e desenvolvam habilidades práticas. No entanto, quando esses estágios ocorrem apenas em escolas regulares, sem ênfase na inclusão, os futuros docentes perdem a oportunidade de aprender a lidar com a diversidade e as particularidades dos alunos com TEA.

A ausência de experiência prática em contextos inclusivos também dificulta a reflexão crítica sobre as próprias práticas pedagógicas. Professores que não tiveram contato com estudantes com TEA durante sua formação podem se sentir inseguros e despreparados quando se deparam com essas situações em suas carreiras profissionais. Essa insegurança pode levar à resistência em adotar práticas inclusivas ou à dependência excessiva de profissionais especializados, como os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), em vez de desempenharem um papel ativo na promoção da inclusão.

Para superar essas deficiências, é essencial revisar os currículos dos cursos de licenciatura, incorporando conteúdos sobre neurodiversidade, práticas inclusivas e estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades de alunos com TEA. Além disso, os estágios supervisionados devem ocorrer em contextos diversificados, incluindo escolas que atendem alunos com necessidades educacionais especiais. Essa vivência prática permitirá que os futuros professores desenvolvam as competências e a confiança necessárias para atuar em salas de aula inclusivas.

Em resumo, a formação inicial dos professores desempenha um papel crucial na promoção da educação inclusiva, mas ainda existem desafios significativos para garantir que os educadores estejam adequadamente preparados para atender às demandas específicas dos alunos com TEA. A integração de conhecimentos sobre neurodiversidade e práticas inclusivas nos currículos, combinada com a experiência prática em contextos diversificados, é fundamental para formar professores capazes de promover uma educação verdadeiramente inclusiva e de qualidade para todos os alunos.

A FORMAÇÃO CONTINUADA E SEU PAPEL NA CAPACITAÇÃO DOCENTE

A formação continuada surge como uma estratégia essencial para preencher as lacunas da formação inicial, oferecendo aos professores em exercício a oportunidade de atualizar e aprofundar seus conhecimentos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Enquanto a formação inicial muitas vezes não aborda adequadamente as especificidades do TEA, a formação continuada permite que os educadores adquiram as habilidades necessárias para atender às demandas dos alunos com TEA em suas salas de aula. Essa modalidade de formação é especialmente relevante em um contexto educacional que valoriza cada vez mais a inclusão e a diversidade, exigindo que os professores estejam sempre atualizados e preparados para enfrentar desafios complexos (GARCIA, 2020).

Contudo, a oferta de cursos e capacitações na área do TEA ainda é insuficiente e, muitas vezes, desconectada da realidade das escolas. Muitos programas de formação continuada priorizam conteúdos teóricos, sem proporcionar aos professores a oportunidade de aplicar esses conhecimentos em situações práticas de sala de aula. Além disso, frequentemente não são considerados os desafios específicos do contexto escolar, como a falta de recursos, a superlotação das turmas e a diversidade de perfis dos estudantes. Isso faz com que muitos professores sintam que a formação recebida não os capacita adequadamente para lidar com as demandas diárias do ensino.

Para que a formação continuada seja eficaz, é necessário que ela seja prática, acessível e alinhada às necessidades reais dos educadores e dos estudantes. A formação prática permite que os professores vivenciem situações concretas, testem novas estratégias pedagógicas e recebam feedback sobre suas ações. Isso pode ser realizado por meio de oficinas, simulações, estudos de caso e atividades colaborativas, que incentivem a troca de experiências entre os participantes. Além disso, a formação continuada deve ser acessível, tanto em termos financeiros quanto logísticos, para garantir que todos os professores possam participar, independentemente de sua localização ou condições de trabalho.

Outro aspecto essencial é garantir que a formação continuada esteja alinhada às necessidades reais dos educadores e dos alunos. Isso significa que os programas de capacitação devem ser desenvolvidos em parceria com as escolas, levando em conta os desafios enfrentados pelos professores e as características dos alunos com TEA que eles atendem. Por exemplo, um curso focado em estratégias de comunicação alternativa e aumentativa (CAA) pode ser extremamente útil para professores que trabalham com alunos não verbais, mas não ser tão relevante para aqueles cujos alunos têm habilidades verbais mais desenvolvidas.

Além disso, a formação continuada precisa ser contínua e integrada ao cotidiano da prática docente, e não um evento isolado. Os professores necessitam de apoio constante para refletir sobre suas práticas, ajustar estratégias e compartilhar experiências com colegas. Programas de mentoria, comunidades de prática e acompanhamento pedagógico são exemplos de abordagens que podem complementar os cursos tradicionais, criando um processo de aprendizagem contínuo e colaborativo.

Em síntese, a formação continuada é uma ferramenta crucial para capacitar os professores a atenderem às necessidades dos alunos com TEA, mas sua eficácia depende de uma abordagem prática, acessível e contextualizada. Investir em programas de formação que atendam de fato às necessidades dos educadores e dos estudantes contribui para uma educação inclusiva de qualidade, onde todos os alunos têm a oportunidade de aprender e alcançar seu pleno potencial.

ESTRATÉGIAS PARA A INTEGRAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE TEA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Para melhorar a capacitação dos professores e garantir que estejam preparados para atender às necessidades dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental integrar conhecimentos sobre neurodiversidade e práticas inclusivas tanto na formação inicial quanto na

continuada. Essa integração deve ser realizada de maneira sistêmica, abrangendo desde a revisão dos currículos dos cursos de licenciatura até a oferta de estágios em contextos inclusivos e o fortalecimento de parcerias entre universidades e escolas. Além disso, a formação continuada deve ser reforçada por políticas públicas que assegurem recursos, apoio e incentivos aos professores em serviço, criando um ambiente favorável para a aprendizagem e a implementação de práticas inclusivas (MENDES, 2017).

Revisar os currículos dos cursos de licenciatura é um passo fundamental para garantir que os futuros professores adquiram um conhecimento profundo sobre neurodiversidade e práticas inclusivas desde o início de sua formação. Atualmente, muitos cursos de licenciatura priorizam conteúdos teóricos gerais, deixando de lado temas específicos como o TEA, a educação especial e as metodologias de ensino adaptadas. Para mudar esse cenário, é necessário incluir disciplinas que abordem a neurodiversidade, as características do TEA, as metodologias de ensino inclusivo e o uso de tecnologias assistivas. Essas disciplinas devem ser complementadas por estudos de caso, simulações e atividades práticas que permitam aos futuros professores vivenciarem situações reais e desenvolver habilidades para lidar com a diversidade em sala de aula.

Além da revisão curricular, a oferta de estágios em contextos inclusivos é essencial para a formação inicial dos professores. Os estágios representam uma oportunidade única para que os futuros educadores apliquem seus conhecimentos teóricos em contextos reais, sob a supervisão de profissionais experientes. Para que essa experiência seja efetiva, é crucial que os estágios ocorram em escolas que atendam alunos com necessidades educacionais especiais, incluindo aqueles com TEA. Essa vivência prática permitirá que os professores em formação desenvolvam a sensibilidade, a criatividade e a confiança necessárias para atuar em ambientes inclusivos.

Outra estratégia fundamental é a promoção de parcerias entre universidades e escolas. Essas colaborações podem facilitar a troca de conhecimentos e experiências entre acadêmicos e profissionais da educação, estabelecendo um diálogo constante entre teoria e prática. Por exemplo, as universidades podem oferecer cursos de extensão e programas de capacitação para professores em exercício, enquanto as escolas atuam como ambientes para pesquisa e inovação pedagógica. Essa interação é especialmente importante para o desenvolvimento de práticas inclusivas, pois possibilita que o conhecimento acadêmico seja aplicado e testado em contextos reais, enquanto as vivências dos professores nas salas de aula alimentam e enriquecem a produção acadêmica.

No que tange à formação continuada, é crucial que ela seja incentivada e respaldada por políticas públicas eficazes. Muitos professores enfrentam obstáculos para participar de cursos de capacitação, como falta de tempo, recursos financeiros limitados ou dificuldades em acessar programas de qualidade. Para superar essas barreiras, é fundamental que governos e instituições educacionais invistam em políticas que garantam o acesso a formações continuadas que sejam acessíveis, relevantes e de alto nível. Isso pode incluir a oferta de programas de formação online, concessão de bolsas de estudo, além da disponibilização de materiais didáticos e recursos tecnológicos. Também

é essencial que os professores recebam apoio institucional, como redução de carga horária ou liberação para a participação em cursos, de modo a permitir que se dediquem à sua formação sem prejudicar suas responsabilidades em sala de aula.

Em resumo, a melhoria da formação dos professores para atender às necessidades dos alunos com TEA demanda uma abordagem integrada e multifacetada. A revisão dos currículos, a realização de estágios em contextos inclusivos, a promoção de parcerias entre universidades e escolas e o fortalecimento da formação continuada por meio de políticas públicas são estratégias complementares que, juntas, podem transformar a formação docente e garantir uma educação verdadeiramente inclusiva. Ao investir na capacitação dos professores, as instituições de ensino não só promovem o sucesso dos estudantes com TEA, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e acolhedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente é um elemento central para a efetivação da educação inclusiva, especialmente no atendimento a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este artigo evidenciou que, embora avanços tenham sido feitos nos últimos anos, ainda há lacunas significativas na preparação dos professores, tanto na formação inicial quanto na continuada. Essas lacunas representam um obstáculo importante para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e adaptadas às necessidades dos estudantes com TEA, comprometendo a qualidade da educação oferecida a esses alunos.

Na formação inicial, os currículos dos cursos de licenciatura frequentemente priorizam conhecimentos teóricos gerais, deixando de lado temas essenciais como neurodiversidade, práticas inclusivas e estratégias pedagógicas específicas para o TEA. Como resultado, muitos professores se formam sem as habilidades necessárias para identificar as necessidades dos estudantes com TEA e implementar abordagens que promovam sua aprendizagem e socialização. Além disso, a falta de estágios supervisionados em contextos de educação inclusiva limita a experiência prática dos futuros educadores, dificultando sua preparação para atuar em salas de aula diversas.

Na formação continuada, embora existam iniciativas de capacitação e atualização, a oferta de cursos e programas ainda é insuficiente e, muitas vezes, descontextualizada da realidade das escolas. Muitos professores enfrentam barreiras para participar dessas formações, como a falta de tempo, recursos financeiros ou acesso a programas de qualidade. Além disso, os cursos frequentemente priorizam conteúdos teóricos, sem proporcionar oportunidades para a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

Para superar esses desafios, é essencial investir em currículos que integrem conhecimentos sobre neurodiversidade e práticas inclusivas desde a formação inicial. Isso inclui a inclusão de disciplinas específicas sobre o TEA, a educação especial e as estratégias pedagógicas adaptadas, bem como a oferta de estágios em contextos inclusivos que permitam aos futuros professores vivenciar situações reais e desenvolver habilidades práticas.

Além disso, é fundamental promover a formação continuada prática e acessível, que atenda às necessidades reais dos professores e dos estudantes. Isso pode ser feito por meio de programas de capacitação que combinem teoria e prática, como oficinas, estudos de caso e atividades colaborativas. A formação continuada também deve ser incentivada por políticas públicas que garantam recursos e apoio aos professores em serviço, como a oferta de cursos online, a concessão de bolsas de estudo e a disponibilização de materiais didáticos e recursos tecnológicos.

Outro aspecto crucial é o fortalecimento da colaboração entre instituições de ensino e escolas. Parcerias entre universidades e escolas podem facilitar a troca de conhecimentos e experiências, criando um diálogo constante entre a teoria e a prática. Essas parcerias podem incluir a oferta de cursos de extensão e capacitação para professores em serviço, a realização de pesquisas colaborativas e a criação de comunidades de prática que promovam a reflexão e a inovação pedagógica.

A educação inclusiva não é apenas uma questão de acesso, mas de qualidade. Garantir que todos os estudantes, incluindo aqueles com TEA, tenham acesso à escola é apenas o primeiro passo. O verdadeiro desafio é assegurar que esses alunos recebam uma educação de qualidade, que respeite suas particularidades e promova seu desenvolvimento integral. Para isso, é fundamental que os professores estejam preparados para atender às demandas específicas dos estudantes com TEA, utilizando estratégias pedagógicas inclusivas e adaptadas.

Em síntese, a formação docente é um pilar central para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, onde todos os alunos possam aprender e se desenvolver em seu potencial máximo. Ao investir na capacitação dos professores, as instituições de ensino não apenas garantem o sucesso dos estudantes com TEA, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e acolhedora. A educação inclusiva é um direito de todos, e a formação docente é a chave para torná-la uma realidade.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2013). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5)**. Arlington: APA.
- BRASIL. (2015). **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015)**. Brasília: Diário Oficial da União.

GARCIA, R. M. C. (2020). **Formação de professores para a educação inclusiva: Desafios e perspectivas.** São Paulo: Cortez.

MENDES, E. G. (2017). **Educação especial inclusiva: Legislação, políticas e formação de professores.** São Paulo: Editora Unesp.